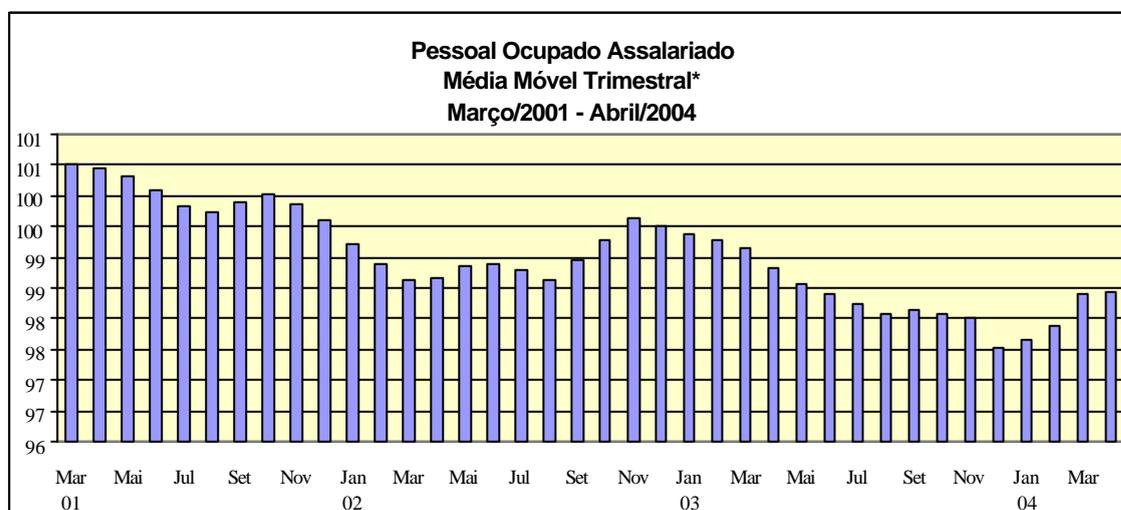


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em abril, na comparação contra mês anterior, o número de demissões no setor industrial volta a superar o de admissões na série livre de influências sazonais, com o nível de emprego mostrando decréscimo (-0,5%), após três meses de expansão, quando acumulou aumento de 1,6% (comparação março 04/ dezembro 03). Nos indicadores para períodos mais abrangentes, o emprego industrial ainda continua apontando queda: -0,2% no índice mensal (confronto com abril de 2003), -0,6% no primeiro quadrimestre do ano e -1,0% nos últimos doze meses.

A tendência apontada pelo índice de média móvel trimestral (gráfico abaixo) mostra que o nível de emprego permanece estável (0,0%) entre os trimestres encerrados em abril e março. Esse índice encontra-se no seu patamar mais elevado desde julho do ano passado.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Série com ajuste sazonal

Na comparação com abril de 2003, a queda de 0,2% foi resultado do desempenho adverso de oito dos quatorze locais pesquisados e sete das dezoito atividades. Entre os locais pesquisados, a indústria de São Paulo (-1,5%) e, conseqüentemente, a da região Sudeste (-1,1%) representaram, novamente, as principais pressões negativas, influenciadas, sobretudo, pelas quedas observadas em vestuário (-26,6%, na primeira e -17,1% na segunda) e

produtos de metal (-10,9% e -11,3%, respectivamente). Ainda em termos de impacto, sobressaem os recuos assinalados no Rio de Janeiro (-4,2%) e Rio Grande do Sul (-2,2%), pressionados pela redução no contingente de trabalhadores em produtos de metal (-33,2%) e calçados e couro (-8,7%), respectivamente. Com ampliação no emprego industrial, Minas Gerais (2,8%) e a região Norte e Centro-Oeste (3,8%) foram as principais contribuições positivas no cômputo geral. Setorialmente, no resultado nacional, destacam-se como as principais influências negativas vestuário (-9,5%), vindo a seguir produtos de metal (-7,5%), papel e gráfica (-6,2%) e minerais não-metálicos (-5,7%). Por outro lado, sobressaíram, em função do dinamismo na produção, os impactos positivos das contratações efetuadas nos ramos de máquinas e equipamentos (12,5%) e alimentos e bebidas (2,4%).

O emprego industrial, no indicador acumulado no primeiro quadrimestre do ano, continua apontando resultados negativos, porém com suave desaceleração do ritmo de queda nos últimos três meses: -1,1% até fevereiro; -0,8% até março; e -0,6% até abril. No corte regional, há um predomínio de taxas negativas que atingem nove locais pesquisados, com destaque para o fechamento de vagas na região Sudeste (-1,0%), uma vez que São Paulo (-1,4%) e Rio de Janeiro (-4,0%) vêm sendo responsáveis pelos principais impactos negativos no emprego. Também vale destacar, ainda, a influência negativa do Rio Grande do Sul (-2,8%), pressionado pela redução do número de trabalhadores em onze atividades, sobretudo, a de calçados e couro (-8,7%). Por outro lado, Minas Gerais, com expansão de 3,0%, desponta como a principal contribuição positiva.

Setorialmente, ainda no indicador acumulado para janeiro-abril, há reduções de postos de trabalho em oito ramos, com destaque para a influência negativa vinda de vestuário (-11,2%), seguido por papel e gráfica (-6,7%), minerais não-metálicos (-5,4%) e têxtil (-5,6%). Novamente respondendo pela pressão positiva mais significativa, destaca-se máquinas e equipamentos, com ampliação de 11,1% nos postos de trabalho.

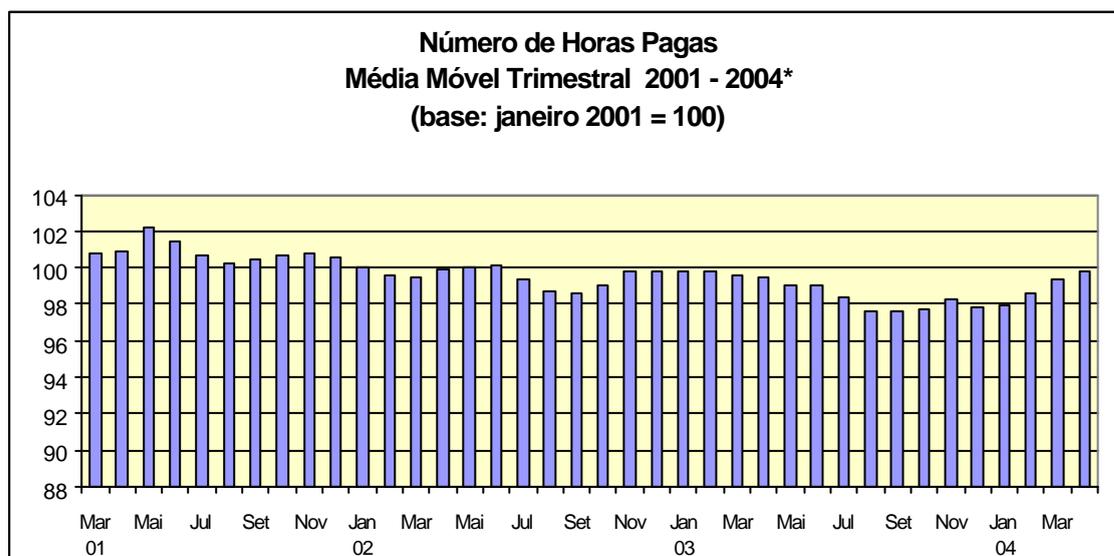
O indicador acumulado nos últimos doze meses (-1,0%) manteve estabilidade na sua trajetória, repetindo a mesma marca de fevereiro e março,

com dez locais e nove atividades pesquisadas mostrando resultados negativos. Em termos regionais, novamente São Paulo (-1,8%), Rio de Janeiro (-4,5%) e Rio Grande do Sul (-2,6%) tiveram maior importância nas demissões da indústria, enquanto a região Norte e Centro-Oeste (2,7%) foi o principal destaque positivo. Em termos setoriais, as maiores contribuições negativa e positiva no cômputo geral, foram dadas, respectivamente, por vestuário (-8,0%) e máquinas e equipamentos (6,9%).

NÚMEROS DE HORAS PAGAS

Em abril, o total de horas pagas aos trabalhadores da indústria exibiu um decréscimo de 0,4% em relação ao mês de março, já descontado o efeito sazonal. A comparação abril 04/ abril 03 não registrou variação (0,0%), enquanto os indicadores para períodos mais abrangentes apresentaram retrações de -0,2% no acumulado do ano e de -1,0% no acumulado dos últimos doze meses. A jornada média de trabalho, por sua vez, cresceu no indicador mensal (0,2%) e no acumulado do ano (0,5%), e ficou estável no acumulado dos últimos doze meses (0,0%).

No indicador de média móvel trimestral, observa-se um acréscimo de 0,4% na jornada de trabalho entre os trimestres encerrados entre abril e março, dando continuidade à trajetória ascendente iniciada em janeiro de 2004.



Segundo o índice mensal, o número de horas pagas da indústria não registrou crescimento (0,0%), refletindo a performance negativa de cinco dos quatorze locais e oito dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as reduções mais expressivas foram observadas nos segmentos de vestuário (-10,9%), produtos de metal (-7,6%) e papel e gráfica (-5,6%); já as principais contribuições positivas ficaram por conta das indústrias de máquinas e equipamentos (16,6%), borracha e plástico (5,8%) e fabricação de meios de transporte (4,3%).

No corte regional, ainda no confronto abril 04/ abril03, as principais influências negativas no resultado nacional foram: São Paulo (-1,1%), Rio de Janeiro (-5,8%) e Rio Grande do Sul (-2,4%). Na indústria paulista, os segmentos de vestuário (-28,0%), produtos de metal (-10,4%) e papel e gráfica (-11,0%) exerceram os maiores impactos negativos; na indústria fluminense destacaram-se negativamente: alimentos e bebidas (-20,8%), vestuário (-16,6%) e produtos de metal (-31,3%). Já na indústria gaúcha, coube ao segmento de calçados e couros a principal pressão negativa, com decréscimo de 7,8%. Em contrapartida, a influência positiva mais importante foi representada por Minas Gerais (2,7%).

No acumulado janeiro-abril, o número de horas pagas decresceu 0,2%, resultado igual ao registrado em março. Para o cômputo geral, contribuíram negativamente oito locais e também oito setores industriais. No que tange às regiões, os impactos negativos mais importantes foram observados no Rio de Janeiro (-5,1%), São Paulo (-0,7%) e Rio Grande do Sul (-2,1%). Em contrapartida, o maior impacto positivo foi determinado por Minas Gerais (3,5%). No âmbito setorial, no total do país, as maiores pressões negativas foram exercidas por vestuário (-11,1%), têxtil (-6,3%) e papel e gráfica (-5,2%). Por outro lado, máquinas e equipamentos (12,8%) e metalurgia básica (8,5%) foram as principais contribuições positivas.

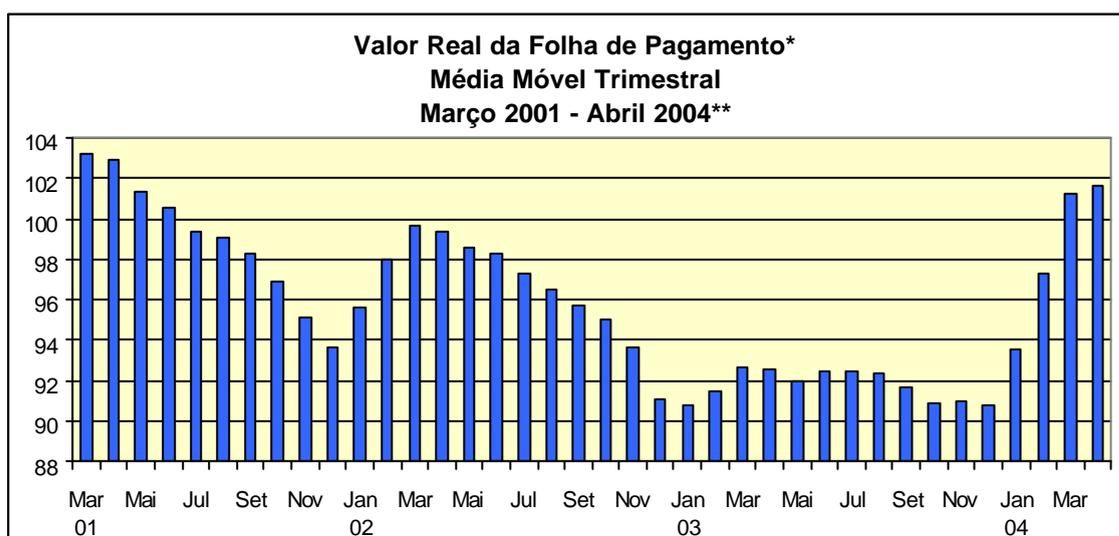
Por fim, o índice acumulado nos últimos doze meses apresentou em abril recuo de 1,0%, resultado muito próximo ao de março (-1,1%). Setorialmente, os maiores impactos negativos vieram dos ramos de vestuário (-8,3%) e fabricação

de outros produtos da indústria de transformação (-8,6%). Os locais que responderam pelos maiores impactos negativos foram São Paulo (-1,5%) e Rio de Janeiro (-5,4%).

FOLHA DE PAGAMENTO

Em abril, a folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, já descontados os efeitos sazonais, recuou 2,4% em comparação ao mês de março, intensificando, deste modo, a queda registrada entre fevereiro e março (-1,0%). No entanto, nos demais indicadores, a folha de salários da indústria brasileira apresentou crescimento: 7,9% em relação a abril do ano passado, 8,8% no acumulado do ano e 0,6% no acumulado dos últimos doze meses. Em relação à folha média de pagamento o resultado também foi favorável nos três principais confrontos: abril 04/abril 03 (8,1%), acumulado do ano (9,5%) e acumulado dos últimos doze meses (1,7%).

O indicador de média móvel trimestral cresceu 0,4% entre os trimestres encerrados em março e abril. Apesar da redução do ritmo de crescimento, foi mantida a trajetória de recuperação iniciada a partir de janeiro deste ano. O patamar desse indicador em abril é o mais elevado desde maio de 2001 (gráfico abaixo).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*deflacionado pelo IPCA-IBGE

**série com ajuste sazonal

Na comparação abril 04/ abril 03, a folha de pagamento real, registrou acréscimo de 7,9%, refletindo o resultado positivo em todos os quatorze locais

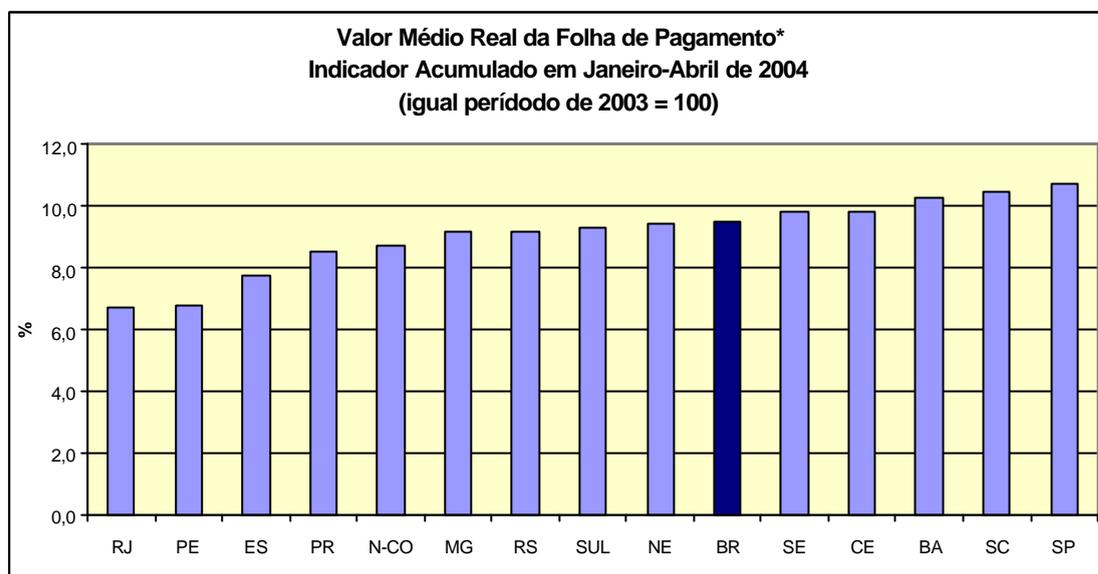
pesquisados. Para a formação desta taxa, a maior contribuição positiva foi assinalada na região Sudeste (7,3%), devido à expansão nos estados de São Paulo (6,8%) e Minas Gerais (15,2%). Em São Paulo o destaque ficou por conta do forte crescimento na atividade de produção de máquinas e equipamentos (53,0%) e, em menor medida, na de produtos químicos (16,2%). Em Minas Gerais o bom desempenho é explicado pelos setores de metalurgia básica (20,8%) e extrativo (39,1%). A região Sul também obteve boa performance (7,7%), por conta do crescimento da folha de pagamento em fabricação de meios de transporte (21,3%) e alimentos e bebidas (8,6%). Vale lembrar, que os três estados desta região obtiveram resultados significativos: Paraná (9,2%), Santa Catarina (8,5%) e Rio Grande do Sul (6,1%).

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve ganho real da folha de pagamento em quatorze dos dezoito setores industriais investigados. As maiores influências positivas foram observadas em máquinas e equipamentos (32,7%), produtos químicos (11,5%) e fabricação de meios de transporte (8,2%). Por outro lado, as maiores pressões negativas vieram de produtos de metal (-10,6%) e têxtil (-10,5%).

No indicador acumulado do ano também foram observados em todos os locais aumento do valor real da folha de pagamento. A região Sudeste (8,7%) e São Paulo (9,1%) foram as maiores contribuições positivas, valendo ressaltar nestes locais, o impacto positivo da atividade de máquinas e equipamentos, com acréscimo de 38,5%, na região e de 47,2%, no estado. Logo a seguir veio a região Sul (8,3%), com destaque para fabricação de meios de transporte (21,2%). Nesta região, vale citar, que o estado de maior impacto sobre o valor da folha real foi o Paraná (8,5%).

Ainda sob a análise do índice acumulado no ano, vale registrar que a expansão de 8,8% do valor real da folha de pagamento é consequência do desempenho positivo observado em quinze das dezoito atividades industriais investigadas. As contribuições mais significativas foram assinaladas em máquinas e equipamentos (29,6%), produtos químicos (11,9%) e alimentos e bebidas (8,5%). Em sentido contrário, têxtil (-8,9%) e produtos de metal (-

2,0%) representaram as maiores reduções. Com relação à folha de pagamento média real, houve crescimento na maioria (dezesseis) dos dezoito setores pesquisados. Em termos regionais, as expansões variaram entre os 6,7% registrados no Rio de Janeiro e os 10,7% de São Paulo, conforme mostrado no gráfico abaixo.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Pela análise do indicador acumulado nos últimos doze meses, a folha de pagamento real registra sua primeira taxa positiva (0,6%) em abril, confirmando, deste modo, a trajetória de recuperação observada a partir de novembro de 2003. Quanto à folha média, também se observa uma sensível melhora entre março (0,5%) e abril (1,7%).